

# Juventude(s) e periferia(s) urbanas

*Eloisa Guimarães*

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada

Como em outros estados brasileiros, as agremiações juvenis (res)surgem no Rio de Janeiro no final da década de 70, assumindo grande vulto nos anos 80 — a partir de sua segunda metade —, e nos anos 90. De fato, a questão das agremiações juvenis, em sua multiplicidade, com seus diferentes símbolos e estilos, seus modos de ser singulares, motivações e modos de representação distintos pode ser pensada como uma das marcas da atualidade.

Essa marca, que se estrutura e se define nesse século, com a constituição de uma cultura jovem, tece-se nos diferentes espaços sociais dos quais os jovens participam — a *rua*, onde se constitui uma cultura voltada para os diferentes modos de utilização do tempo livre, a *casa*, a *escola*, assim como as áreas de *lazer* — e nas redes de relações que aí são estabelecidas. São elementos que se combinam de diferentes maneiras produzindo estilos e modos de ser singulares e distintos entre os vários universos juvenis. É na tensão entre esses elementos, e entre eles e os contextos em que vivem os jovens, que podem ser buscadas as linhas de formação e de constituição dos subgrupos juvenis.

Esse artigo tem como propósito analisar uma dessas agremiações, as *galeras*, grupos formados nos subúrbios cariocas — embora não fiquem restritos a essas áreas —, em processo de expansão. Relacionam-se ao mundo *funk* sem que os dois universos se confundam. São movimentos distintos, cada um com suas próprias características, cruzando-se em alguns aspectos e diferenciando-se em outros. O principal ponto desse cruzamento pode ser localizado no gosto pela música e pelos bailes funk.

A expressão *galeras* designa, fundamentalmente, no Rio de Janeiro, grupos de jovens da periferia<sup>1</sup> da cidade, com relativa organização interna, que se estruturam em torno de suas áreas de residência — o bairro, o morro ou favela ou, ainda, a rua — e das quais incorporam os nomes. Desenvol-

---

<sup>1</sup> Uso o termo “periferia” para designar áreas da periferia geográfica da cidade, mas também aquelas áreas que, em função da geografia da cidade, e das formas de ocupação do espaço, poderiam ser denominadas de “periferia social”, com referência às populações pobres que habitam favelas construídas em morros encravados em bairros centrais.

vem, com base nesse parâmetro de organização, que representa, ao mesmo tempo, uma dimensão geográfica e outra social, intensa rivalidade entre si — de onde os conflitos e os embates públicos pelos quais se tornaram conhecidas. A expressão *galeras* se torna familiar sobretudo a partir da década de 90, imprimindo suas características, a partir de então, à juventude das periferias. Contudo, recentemente, vêm-se registrando, de forma crescente, a existência de *galeras* de classe média. Não se conhece o número dessas *galeras*, nas áreas centrais da metrópole ou na periferia, entre as populações de melhor poder aquisitivo ou entre as de menor renda. Entre as últimas, entretanto — jovens de áreas periféricas e de baixo poder aquisitivo —, sabe-se que é um movimento largamente disseminado.

É necessário destacar dois princípios que fazem parte da constituição dos movimentos juvenis atuais e que estão fortemente presentes entre as *galeras* (e entre os *funk*), sejam elas de classe média ou de periferia: sua intensa fragmentação e forte heterogeneidade. Não há unidade, menos ainda, homogeneidade, entre esses grupos como não há em seu interior.

A extrema heterogeneidade referida se revela inter e intra grupos juvenis e está fortemente presente entre as galeras. Embora se estructurem tendo como referência princípios comuns, esses grupos se diferenciam em relação a vários aspectos. Entre esses vale, de início, destacar que há galeras “guerreiras” e galeras pacíficas e pacifistas; galeras associadas às quadrilhas de traficantes e outras que buscam delas se distanciar; galeras masculinas, galeras femininas e galeras mistas. Há, inclusive — embora seja raro — galeras chefiadas por mulheres.

As *galeras* são, ainda, grupos fortemente fragmentados e intensamente segregados, característica que se manifesta, ao mesmo tempo, no interior das agremiações pertencentes às camadas médias e daquelas de periferia. Em ambas, a referência para essa segmentação é a mesma, e está representada, inicialmente, pelo critério geográfico em torno do qual os diferentes grupos se configuram e a partir do qual se constroem, inicialmente, suas identidades: são as

divisões por áreas de moradia que podem estar representadas pelo bairro, pelo morro ou favela em que se vive, ou, ainda, pelas ruas de residência.

Processo de segmentação semelhante, embora operado a partir de outros critérios, pode ser verificado entre diferentes grupos urbanos: as torcidas organizadas, freqüentadores de academias rivais, entre outros.

Elaborados e reelaborados por cada subgrupo, a partir dos contextos sócio-culturais em que estão inseridos e de suas motivações e condições de vida, os padrões de organização hoje adotados pelas *galeras* não são, entretanto, novos. Tais grupos são herdeiros de certas tradições organizativas desenvolvidas por outras agremiações juvenis.

Refiro-me, por um lado, às “gangs” de rua norte-americanas, nas quais as *galeras* de periferia buscam inspiração, e que têm uma tradição organizativa que remonta ao início do século, a qual as galeras cariocas buscam ainda desenvolver. Por outro lado, às *turmas* de jovens de classe média existentes no Rio nas décadas de 50 e 60, entre as quais já estavam desenvolvidas algumas das principais características das atuais galeras: a constituição por bairros (ou ruas) e a rivalidade exacerbada entre *turmas* de bairros (ou ruas) diferentes lembram, hoje, não só as *galeras* dos subúrbios, mas as de classe média.

Embora a rua fosse, naquela época, o espaço de socialização por excelência dos jovens do sexo masculino e representasse muito menos perigo, os conflitos já podiam ser sentidos entre aqueles jovens (brigas entre *turmas* rivais, nos clubes, nas ruas, nas saídas das escolas). A violência que atingia o núcleo metropolitano parecia vir, então, da classe média. Ou, pelo menos, era nesse nível que ela se colocava como objeto de percepção e de registro.

A questão da delinquência juvenil já era, também, objeto de percepção e de registro entre as camadas médias. Referindo-se à curra da jovem Aída Curi, seguida de assassinato, Ventura (1995) nota que

Eles inauguraram um modelo de agressividade, cruel e gratuita, que não encontrava equivalente na

violência praticada pelos malandros de morro de então. Essa geração do asfalto, que se diverte com brincadeiras como atear fogo em mendigos, antecipou uma vertente moderna da violência urbana.

Grupos de jovens — ingleses, franceses, americanos, alemães e outros —, desenvolvem, nesse século, histórias e modos de organização similares. A originalidade dos grupos atuais está, pois, na imensa capacidade que têm, de criar e recriar tal herança em torno das atuais condições sociais e das novas práticas culturais — centradas no lazer e nas novas culturas musicais —, de construção e reconstrução de sua própria história e da utilização dos recursos hoje disponíveis.

### **Galeras (e) Funk**

A grande clivagem entre os jovens cariocas, entretanto, anterior às várias possibilidades de fragmentação que teria sido possível enumerar acima, se faz entre a geração do asfalto, de um lado, e a juventude dos morros e da periferia da cidade, do outro. É desse último segmento que trata esse artigo, ou seja, das *galeras* residentes nas periferia ou em morros localizados em áreas centrais, mas habitados pelas populações pobres e, é bom registrar, em grande medida ocupados por quadrilhas ligadas ao tráfico de drogas. O termo *galeras* será utilizado, a partir desse momento, para designar tais grupos da periferia.

As *galeras* ganharam grande visibilidade a partir de 1992 com os “arrastões” ocorridos nas praias da Zona Sul, e amplamente divulgados pela mídia, levando a um processo de estigmatização crescente desse segmento juvenil — a quem foi debitada a conta pelos “arrastões”. Contudo, uma idéia que vem se tornando dominante é a de que os famosos “arrastões” não passaram de conflitos entre *galeras* rivais, que tendem a se reproduzir nos espaços públicos, como cheguei a afirmar em trabalho anterior (cf. Guimarães, 1995).

Nesse mesmo processo estigmatizante, juntamente com as *galeras*, foi incluída uma outra cate-

goria de jovens — os *funkeiros* — que, mesmo tendo várias conexões com as *galeras*, não podem a elas ser reduzidos. Embora muito relacionados, *galeras* e *funkeiros* se distinguem, pela própria natureza de seus movimentos: o funk é um fenômeno musical de massa, fortemente centrado na diversão. Enquanto estilo musical e pela frequência<sup>2</sup> aos bailes funk é hoje o fenômeno mais generalizado entre os jovens da periferia, extrapolando necessariamente o contingente que se organiza em *galeras*. É bom mencionar que parte da confusão gerada em torno desta questão resulta do fato de que as *galeras* são funk, sendo comumente denominadas de *galeras funk*.

A idéia do “arrastão”, graças em boa parte à concorrência da mídia, contribuiu ainda para que as *galeras* e *funkeiros* passassem a aparecer sempre relacionados à temática da violência e, de modo particular, às quadrilhas de traficantes de drogas. Para isso, contribuiu, ainda, a ampla difusão dada, a partir de então, às notícias de crimes ligados aos bailes funk, a eles imprimindo a imagem de *bailes violentos* (esse aspecto será tratado no último item desse artigo).

Os bailes funk e, em consequência, a população que os frequenta passaram a ser maciçamente criminalizados, de forma sistemática e recorrente, em discursos e ações públicas e no discurso cotidiano das populações, resultando em projetos e, muitas vezes, em exigências de intensificação de processos repressivos. A violência da cidade passou a ser, em grande medida, identificada às *galeras*, ao funk e ao *funkeiros*, ao mesmo tempo que ambos têm sido por ela responsabilizados, condição que se generaliza aos frequentadores dos bailes.

São em número muito restrito os estudos que buscam analisar de forma sistemática os fenômenos *funk(eiros)* e *galeras* no Rio de Janeiro, lugar onde aparecem, por sua expressividade numérica, como

---

<sup>2</sup> Segundo estimativas feitas em 1994 os bailes funk que se realizavam a cada final de semana em vários clubes da cidade, já congregavam, na época, mais de um milhão e meio de jovens.

a(s) maior(es) manifestação(ões) de massa entre jovens da periferia. Em menor número, ainda, estão os estudos empíricos de base acadêmica sobre o tema. Por isso, apresenta-se como problemática a questão da relação (e, portanto, das diferenças) entre *galeras* e mundo *funk* na cidade.

Por parte da imprensa há um movimento de geração, na opinião pública, de uma imagem maciça e homogeneizadora, que identifica o movimento musical (*funk*), *galeras*, tráfico e “arrastões” como elementos articuladores de um mesmo e único fenômeno: a violência. Essa questão foi profusamente tratada pela imprensa televisiva e pela imprensa escrita entre 1992 e 1993, mantendo-se, com menor ênfase até os dias atuais. Embora no corpo das matérias essa identidade por vezes se dilua, as manchetes jornalísticas, que têm maior impacto sobre a opinião pública, insistem em chamadas como:

“Funk carioca mistura música e violência” (O Estado de São Paulo, 26/10/92).

“Arrastão: o mais novo pesadelo carioca nasce nos bailes ‘funk’” (O Globo, 23/02/92).

“DJ: traficantes pagam bailes ‘funk’” (O Globo, 20/06/95).

“Funks voltam aos bailes e às brigas” (O Dia, 15/02/93).

Em estudos mais sistemáticos, que buscam tematizar a questão dos movimentos juvenis em sua conexão com os movimentos urbanos relacionados à violência, esse aspecto também nem sempre é claramente estabelecido. Em uma dessas análises Ventura (1995), em trabalho jornalístico desenvolvido a partir da convivência com populações de áreas periféricas, aborda o aspecto da violência relacionada a esses grupos — que se manifesta sobretudo nos bailes — sem, no entanto, estabelecer diferenças entre eles, de forma clara. Pode-se encontrar, contudo, diferentes inflexões em sua narrativa onde transparecem certas distinções: quando suas análises se relacionam ao *funk* a associação é com o fenômeno musical e com as festas (os bailes), enquanto as referências à violência, no contexto do mun-

do *funk* são sempre pontuadas pela menção às *galeras* (Ventura, 1995, cap. 9).

Em Vianna (1996), estudioso do fenômeno *funk* desde os anos 80, a quem se deve uma competente etnografia sobre esses bailes, se encontra a distinção mais enfática, ao negar a idéia da música e bailes *funk* como essencialmente violentos. Reafirma, como já fizera em trabalhos anteriores, seu caráter de festa e de diversão. O problema da discriminação do *funk* (e dos bailes) se relacionaria, segundo o Vianna, a outros processos que existiram na história da cidade, caracterizados pela recusa a práticas culturais desenvolvidas e/ou adotadas pelas populações do subúrbio. Assim, o samba e a capoeira, inicialmente discriminadas e condenados foram, posteriormente, através de diferentes mediações, aceitos e incorporadas à vida urbana.

Outro estudo que tem importância para a questão levantada é o de Herschmann (1994-95), pouco voltado para os subgrupos *galeras* e *funkeiros*, que aborda o problema do ponto de vista da cultura hip-hop<sup>3</sup> (ou culturas das ruas, em seus próprios termos) e suas relações com a cultura da violência que toma corpo nos últimos anos no meio urbano. As referências para o autor são, então, as práticas culturais e os estilos musicais que mobilizam parcela expressiva dos jovens atuais, aí incluídos o *funk*, o *rap*, as *galeras funk*, entre outros. Assim, Herschmann introduz uma outra perspectiva que não está presente nas colocações anteriores e que possivelmente representa o ponto de interseção entre os diferentes universos juvenis atualmente presentes na cena urbana.

<sup>3</sup> O autor define a cultura *hip-hop* como “conjunto de manifestações culturais (abrange o rap, o funk, o break graffiti, b-boy) bastante comum nos guetos negros norte-americanos e que vêm sendo apropriada de modo geral pela camada menos favorecida da população que habita basicamente as periferias das grandes cidades brasileiras” (Herschmann, 1994-95: nota 2 à página 90). Sobre as diferenças entre a cultura hip-hop e sua apropriação pelos grupos brasileiros (cariocas e paulistas) ver Vianna, 1990.

O autor aborda a questão da violência buscando tematizá-la e explicá-la no contexto das práticas culturais referidas. Sua interpretação é a de que tais práticas instituem-se como reação a uma sociedade tradicionalmente autoritária e excludente e como forma de se contrapor a representações e modelos, de certa eficácia no passado, que preconizavam a harmonia entre raças e classes sociais. É no esgotamento dessas representações e modelos, e como reação ao caráter excludente e autoritário da sociedade que pode ser entendida a mobilização de diferentes segmentos juvenis, entre eles o que é objeto desse artigo.

Assim, enfatizando a existência de diferentes segmentos juvenis, como estratégias distintas de intervenção no social<sup>4</sup> o autor adverte que:

(...) numa sociedade ainda muito marcada pelo autoritarismo e pela exclusão social, o discurso e o comportamento funk/rap, em certo sentido, são a resposta de um segmento social que já não acredita mais na conciliação, na concretização de uma harmonia social. Ao contrário, esses grupos tentam também imprimir, em certo sentido, à cultura hip-hop um tom segregador. (...) (Herschmann, 1994-95, 93).

### A cultura guerreira das galeras

Não há como negar a existência de forte potencial de conflito no interior de alguns desses grupos — as *galeras* incluem-se entre eles. A questão consiste em buscar compreender seu significado, em que condições ele se atualiza (ou não) e em relação a que segmentos juvenis.

A configuração das galeras do cruzamento da vida e de uma história forjada nas ruas, fortemente marcada pela divisão espacial (e social) da cidade com uma cultura marcadamente guerreira. Essas duas dimensões são faces de um mesmo processo. A constituição e a auto-representação das *gale-*

*ras* em torno e a partir de um território determinado acionam certos processos de pertencimento e de exclusão característicos. A segmentação do espaço em áreas delimitadas e controladas define normas, regras e comportamentos exigidos do que a elas se vinculam e por elas circulam, ao mesmo tempo que as interdita aos de fora, os “alemães”, caracterizando como inimigo o outro. Definem-se por oposição umas às outras disputando, sistematicamente, a hegemonia das áreas onde se encontram. As brigas<sup>5</sup> aparecem, então, simplesmente como resultado do encontro entre alguns desses grupos.

A demarcação territorial é, assim prática fundamental de estruturação das galeras, definindo, ao mesmo tempo, uma forma de organização e de pertencimento ao grupo, uma área de atuação e de controle por seus membros, a quem cabe defendê-lo e no interior do qual elaboram seu estilo e suas regras de funcionamento definindo, também, fronteiras demarcatórias com outros grupos. Todas têm um código particular que inclui não só uma linguagem própria e diferenciada, mas regras sociais de relacionamento e de hierarquia que não podem ser violadas. É essa a origem da extrema rivalidade que se observa entre as diferentes *galeras* e motivo dos embates permanentes entre elas.

As rixas entre as *galeras* representam algo mais, ocupando lugar central em sua existência e na lógica de sua organização. Muitas se estruturam apenas para brigar. Outras brigam apenas quando provocadas. Entre os depoimentos ouvidos em uma pesquisa empírica realizada eram frequentes depoimentos do tipo: “*é briga, briga de galera, galera! Galera é assim: cada morro, gangue de cada morro, o morro X, galera do Morro X*” (Guimarães, 1995, 64).

Apesar dessa caracterização generalizante, que parece constituir a marca por excelência desse tipo de organização juvenil, tem surgido entre as *galeras*

<sup>4</sup> Sobre essa questão dos modos de intervenção dos grupos juvenis no social ver Abramo (1994)

<sup>5</sup> É esse o termo utilizado por pessoas relacionadas às galeras para traduzir os conflitos e os confrontos físicos entre eles, inclusive aqueles que resultam em morte.

cariocas aquelas que se recusam às brigas, pautando-se por comportamentos pacifistas e buscando desenvolver ações de pacificação dos outros grupos. Não constituem-se ainda, contudo, em um segmento dominante.

A rua, espaço fundamental para a constituição e existência das *galeras* é, tradicionalmente, parte do universo masculino e lugar, por excelência, da elaboração de seus padrões de virilidade. As demonstrações de coragem e de força física ainda representam modos tradicionais de afirmação desses grupos, sobretudo entre as camadas populares. Embora venham sendo relativizados os espaços, os modos e estilos de vida masculinos e femininos, sobretudo entre jovens, não se pode dizer que essa distinção tenha desaparecido completamente.

No caso brasileiro, essa questão relaciona-se ao próprio modo de ser da sociedade, característica que ganha maior relevo entre os meios pobres da sociedade. Assim, segundo a análise de Da Matta sobre o significado da “casa” e da “rua” como categorias sociológicas fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira, cada um com sua lógica particular. Relacionando-se dinamicamente, essas duas categorias expressariam formas de organização do mundo social brasileiro: o mundo da rua como espaço do legal e do jurídico — universo, no Brasil, marcadamente masculino —, mas também — e é sob esse aspecto que as considerações desse autor interessam aqui — como lugar da luta (...) e do perigo (cf. Da Matta, 1991, 13-70).

Autores, sobretudo os norte-americanos e os ingleses, que analisam grupos formados em países, destacam a importância das lutas e dos combates como princípio fundamental para a própria constituição e estruturação das “gangs” de rua, uma vez que a consciência de pertencimento a ela tende a cercar com os combates, ao mesmo tempo que aumenta seu potencial para as lutas. É também instrumento de elaboração da identidade do grupo. A consciência de pertencimento e a lealdade ao grupo seriam incrementados através dos combates travados. É necessário, entretanto, levar em consideração que, embora as *galeras* cariocas busquem inspirar-se nas

“gangs” de rua norte-americanas, estão longe de atingir o nível de organização e estruturação daquelas. De fato, a existência de “gangs” de rua, em escala expressiva, é registrada em algumas áreas dos Estados Unidos desde os anos 20. No Rio de Janeiro o processo de estruturação de tais grupos é ainda emergente com relativa, mais ainda precária, organização interna.

### **Galeras, espaços de sociabilidade e circuito da violência**

Uma das frases mais ouvidas quando se trata do assunto *galeras* é a de que “quando duas galeras rivais se encontram, o embate é certo”. Como deve ter ficado claro no item anterior, a ocorrência de briga entre as galeras é parte da própria constituição desses grupos (às vezes, trata-se de mera dramatização da briga) assim como representa uma forma de desenvolver e colocar em ação seus próprios projetos. Resultam, em parte, das disputas e dos deslocamentos de grupos nos quais hoje se organiza parcela dos jovens para resolver suas pendências fora dos espaços residenciais, onde seus modos de ação, por imposição do tráfico, são muitas vezes proibidos; resultam, ainda, de movimentos dos mesmos jovens que buscam novas formas de se relacionarem — e de se afirmarem — com as populações e as instituições.

Em qualquer das hipóteses consideradas, esses conflitos estão relacionados aos padrões de sociabilidade que vêm se desenvolvendo no meio urbano. De modo mais específico, a ocorrência dos embates pode ter várias interpretações. Tentarei destacar algumas mais comuns e frequentes, sem ter a pretensão de dar conta da explicação de todas elas no espaço desse artigo.

As brigas aparentam ser, muitas vezes, gratuitas, ocorrendo como parte dos rituais das *galeras*. Essa foi uma das interpretações dadas aos modos de ação e de estarem presentes das *galeras* em uma escola (de subúrbio) pesquisada entre 1991-1992. Durante longos períodos a escola se encontrava permanentemente cercada por grupos externos, alheios

à vida escolar. A ação das galeras ocorria sob a forma de *ações dramatizadas*, através das quais esses grupos criavam e mantinham um clima permanente de confronto com a instituição. Operavam de forma a demonstrarem aos quadros escolares a possibilidade de invasão iminente. Algumas vezes, após longos períodos em que a ação se dava apenas de forma dramtizada, tentativas de invasão eram, de fato, tentadas<sup>6</sup>. Processos semelhantes podem ser vistos em outras situações (uma delas, os bailes, de que falaremos adiante).

Uma segunda interpretação diz respeito à briga como movimento de cobrança e de punição de membros das próprias galeras, que tenham ferido alguma das regras internamente estabelecidas. Essas regras variam de *galera* para *galera*. Entretanto, uma vez estabelecidas, devem ser rigorosamente cumpridas. Sua violação provoca a intervenção do grupo, dando origem a punições rigorosas que podem chegar à morte. Essa é uma das situações em que grupos de jovens podem ser utilizados pelo tráfico, quando são acionados para buscar e punir pessoas (jovens ou não) que estejam *devendo*<sup>7</sup> às quadrilhas. A situação aqui tratada indica, também, uma das circunstâncias de assédio das escolas por esses grupos — e, muitas das vezes, de invasão do espaço escolar —, quando a instituição se apresenta como lugar em que, seguramente, algumas das pessoas buscadas podem ser encontradas.

Um terceiro motivo desencadeador dos conflitos aponta para o desdobramento de brigas anteriores. O confronto entre galeras, uma vez iniciado, não fica sem conclusão. Se interrompido, sofrerá

deslocamentos, até que seja satisfatoriamente resolvido, segundo os termos desses grupos. Essa é outra circunstância explicativa de cercos às escolas pelas galeras, quando o objetivo dos grupos pode ser — e o é muitas vezes — o de concluir a briga começada em bailes e interrompida pelos seguranças. Representa, nesses casos, um dos pontos incluídos nos múltiplos deslocamentos desses grupos para fazer cumprir seus projetos e forjar sua própria tradição enquanto grupo.

Finalmente, um último elemento que seria interessante lembrar tem relação com o mundo do tráfico e suas articulações com parcela dos grupos que se organizam como *galeras*. Em certos casos, os embates podem estar relacionados a ações ordenadas e/ou coordenadas pelas quadrilhas de traficantes, a quem certas galeras servem como sistema de apoio, ou ainda, podem derivar da presunção de certos grupos de partilharem, por estarem a eles ligados, do mesmo “poder” dos traficantes.

A questão dos bailes, maior diversão dos jovens da periferia da cidade e, por consequência, espaço privilegiado de aglutinação dessa juventude<sup>8</sup>, é elucidativa de alguns dos processos descritos acima. Sua abordagem pode ter como ponto de partida o enfoque que consta no trabalho de Ventura (1995), elaborado a partir das posições de dois especialistas que, a partir da vivência dos bailes da frequência mais ou menos sistemáticas a alguns deles, desenvolveram certas formas de pensar a participação das galeras nos bailes, aí incluindo a dimensão da violência.

Manoel divide os bailes em três categoria. Na primeira, não acontece nenhum tipo de violência (...). Nos bailes do segundo tipo, as galeras inimigas vão para provocar brigas esporádicas, que são violentamente reprimidas pelos seguranças.

A categoria mais interessante é a terceira, dos

<sup>6</sup> Para uma descrição mais completa ver Guimarães, 1995, caps. 1 e 2 e Guimarães, 1997.

<sup>7</sup> O termo *dever* é amplamente utilizado entre populações que vivem no interior ou nas proximidades de áreas ocupadas pelo tráfico de drogas. Pode ter um significado literal, indicativo de que alguém deve dinheiro às quadrilhas por ter apanhado a droga em consignação ou para uso próprio não tendo liquidado a dívida, ou ter o indicar grupos ou pessoas que tenham violado as regras estabelecidas.

<sup>8</sup> Matérias de jornais vêm, recorrentemente, mostrando e enfatizando a adesão de grupos de classe média aos bailes funk.

bailes que Manoel chama de embate, um confronto ritualizado de galeras, (...) Os dois acreditam, e já estão trabalhando para isso, que a violência que aí ocorre pode ser regulamentada (Ventura, 1995, 121).

Estudantes ouvidos em 1992, em pesquisa de campo realizada na Zona Oeste, apresentavam uma versão mais dura das brigas nos bailes. Há alguns fatores importantes que contribuem para elucidar esse maior rigor na posição dos escolares, relacionados à heterogeneidade dos grupos juvenis. Um deles, referente à área em que a pesquisa se desenvolveu, fortemente marcada pela presença do tráfico de drogas mas ainda em processo de ocupação e que, por isso mesmo, exige um processo de recrutamento mais intenso — e mais ativo — entre jovens. O segundo diz respeito ao fato de que as galeras, naquela área, segundo diferentes depoimentos ouvidos, estão vinculadas ao tráfico de drogas. Há um terceiro fator relacionado à inserção social e às expectativas de parte dos escolares ouvidos.

Esse último grupo referido, em sua maior parte, divide, compulsoriamente, a área de moradia com as quadrilhas de traficantes, buscava distanciar-se e criar, onde e quando fosse possível, barreiras não só físicas — evitando os lugares freqüentados por “bandidinhos” e pelas galeras —, mas simbólicas. Pode-se supor que, por esse motivo, fossem mais radicais ao enfatizar as diferenças.

Do ponto de vista dos alunos entrevistados, a violência que aparece nos bailes é, sem dúvida, uma violência grupal, ainda quando os grupos são acionados para assumir a defesa de um de seus membros. Ouvi com alguma frequência, de funkeiros, a explicação de que o problema da briga diz respeito aos bailes nos salões, fora das áreas controladas pelo tráfico. No interior destas áreas, nos bailes realizados nas quadras ou em outros espaços, ele não se apresentaria. Funkeiros e não-funkeiros têm consciência de que não podem “armar confusão” no pedaço.

Segundo os entrevistados, as brigas nos bailes assumem diferentes formas e ocorrem por motivos distintos. Três fatores foram por eles destacados. A

música e o modo de dançar (os trezininhos e os momentos de maior pique dos bailes, quando todos pulam a um só tempo) são apontados com muita frequência como um desses fatores. Aí qualquer esbarrão ou uma pisada no pé pode gerar o início de uma briga (sobre as danças desenvolvidas nos bailes funk, ver Vianna, 1988, cap. 4). Exemplo de uma dessas situações pode ser encontrado em Ventura, na descrição do baile realizado para celebração da paz entre Vigário Geral<sup>9</sup> e Parada de Lucas, no momento em que algumas galeras começam a dançar, o que o autor denomina uma “brincadeira infernal”: os trezininhos. O risco de que a situação se resvasse para o tumulto foi percebido por várias pessoas. O autor declara ter ouvido de um dos chefes do tráfico presentes, em conversa com outro, a frase: “se tiver briga, a gente num vamos poder parar. Tu segura o teu pessoal que eu seguro o meu” (Ventura, 1994, 221).

A fala do traficante se referia à ameaça de briga entre duas galeras, processo que, de acordo com os alunos entrevistados, é o responsável pelo maior número de brigas, sendo também a situação em que elas ocorrem com maior violência. Eram, por isso, as mais temidas pelos jovens funkeiros entrevistados. A briga entre elas ocorre, regra geral, pelo simples encontro entre galeras rivais. O estarem frente a frente, um esbarrão em algum elemento da outra galera e os gritos de guerra são os sinais para o início dos conflitos: “*é briga, briga de galera, porque tem que provocar outra galera*”.

De acordo com seus depoimentos, as galeras vão aos bailes apenas para brigar, o que constituiria o segundo daqueles fatores. Algumas delas já descem os morros *armadas de paus, correntes, pedras*. Impedidos de levá-los para dentro dos clubes pelos seguranças que procedem a rigorosas revistas na entrada, esses instrumentos permanecem escondidos fora e são recuperados na saída, quando os

<sup>9</sup> Vigário Geral e Parada de Lucas são dois bairros tradicionalmente rivais no Rio de Janeiro.

conflitos se radicalizam. Apesar de não serem permitidas nos clubes, as brigas começam lá dentro, até que sejam interrompidas pelos seguranças que expulsam os envolvidos; seus desdobramentos transferem-se, então, para a saída do baile, quando são freqüentes os couros, os tiros e as mortes. Se não são resolvidas nesse espaço, na medida que é comum, também aí, a atuação dos seguranças ou a fuga dos grupos que se encontram em desvantagem, numérica ou instrumental, as brigas se transferem para outros espaços: é então que chegam às escolas, ponto de encontro certo de alguns dos envolvidos, como foi mencionado acima.

Nesses casos, não se procuram motivos para explicar a origem do conflito. A briga representa a forma de *curtir* dos grupos e para isso vão aos bailes. Namorar faz parte de suas vidas, e a maioria tem namorada que é abandonada nos bailes em favor das brigas, mesmo nos momentos em que são tocadas músicas lentas. Como explica uma das “funkeiras” entrevistadas:

“até a hora da música lenta, mesmo, alguns nem ligam pras namoradas, até na hora da música lenta eles tão querendo saber só de brigar, e vão dar um beijo na namorada, ficam namorando um pouquinho e já voltam, e voltam correndo para ir brigar de novo, para não perder nem um segundo na briga”.

Esse processo é desenvolvido por vários grupos de jovens, do passado e do presente, nacionais e internacionais: são parte da estrutura e da história desses segmentos. É também valorizado como fonte de emoção e excitação, elementos que são apresentados por vários autores como inerentes à adolescência e à juventude, da mesma forma que o desejo de aventura.

Finalmente, um terceiro fator desencadeador de briga nos bailes deve ser localizado no comportamento de certas garotas — namoradas de membros das galeras ou de jovens pertencentes ao mundo do tráfico, os “bandidinhos”. Elas “*pensam que podem tudo*” ou elas “*gostam de arrumar confusão*” são as frases empregadas pelos estudantes ao se referirem a essas garotas e às confusões por elas

provocadas nos bailes que, muitas vezes, resultam em brigas; em outras, não. Essas provocações podem derivar de um olhar que se dê na direção delas, de um esbarrão ou acontecer de modo totalmente gratuito. De acordo com os depoimentos, têm como objetivo envolver o namorado em sua defesa, mostrando que “*por ser namorada de bandido, ela pode tudo, ela tem poder*”. Em situações como essas, a briga pode ou não ocorrer, dependendo da adesão dos bandidos. Como esclarecem os frequentadores do funk, em muitos casos eles contribuem para evitar as confusões, quando reconhecem em quem é provocado um elemento de sua própria área ou alguma amiga de infância que, independente das regras do “pedaço”, eles buscam proteger.

Esses processos merecem estudos mais aprofundados que, ao mesmo tempo, permitam caracterizações mais abrangentes, que deem conta da atual situação da juventude nos centros urbanos. Esta parece ser uma responsabilidade que diz respeito, hoje, a educadores e professores em geral. Afinal, são esses jovens, em grande parte, os alunos de nossas escolas, mais do que os escolares idealizados por mirabolantes propostas curriculares.

### Referências bibliográficas

- ABRAMO, Helena Wendel, (1994). *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta.
- DA MATTA, Roberto, (1991). *A Casa e a Rua*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- DUARTE, Luis Fernando D., (1991). *Legalité et Citoyenne dans le Bresil Urbain contemporain: observation anthropologique d'une expérience d'aide légale et d'éducation civique. Actes du Colloque Grandes Métropoles d'Afrique et d'Amérique Latine*. Toulouse.
- GUIMARÃES, Eloisa., (1995). *Escolas, Galeras e Narcotráfico*. Rio de Janeiro: PUC-Rio. Tese(Doutorado em Educação).
- HERSCHMANN, Micael M., (1995). Música, juventude e violência urbana: o fenômeno funk e rap. In: *Comunicação e Política: mídia, drogas e criminalidade*, n.s., v. 1, n° 2.
- \_\_\_\_\_, (1995). Nova Yorque não é aqui: funk e rap na cultura carioca. In: *Tempo e Presença*, ano 17, n° 281.

- KATZ, Jack., (1988). *Seductions of crime: moral and sensual attractions in doing evil*. New York: Basic Books, Inc., Publishers.
- PAIS, J. Machado, (1996). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1996
- THRASHER, Frederic M., (1996). *The gang: a study of 1.313 gangs in Chicago*. Chicago; London: University of Chicago Press
- VELHO, Gilberto, (1996). Violência, Reciprocidade e Desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: VELHO, G., ALVITO, M. *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Editora FGV, p. 10-24.
- VENTURA, Zuenir, (1994). *Cidade Partida*. São Paulo: Companhia das Letras.
- VIANNA, Hermano, (1990). Funk e cultura popular carioca. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, p. 151-160.
- \_\_\_\_\_, (1996) O funk como membro da violência carioca. In: VELHO, G., ALVITO, M. *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Editora FGV, p. 178-187.